

NEGÓCIOS EM REDE

Este suplemento é da responsabilidade do departamento comercial da Cofina Media, é parte integrante do Jornal de Negócios n.º 3383, de 23 de Novembro de 2016, e não pode ser vendido separadamente.

Bolsa de valores

Invista para garantir melhores retornos

Com taxas de juro em valores tão baixos é difícil encontrar um retorno aceitável junto de produtos tradicionais financeiros que justifiquem o seu investimento. Uma alternativa é investir na bolsa, obtendo melhores retornos do que com outras aplicações financeiras, apesar das incertezas que se debruçam sobre a economia mundial. Conheça algumas das opções de investimento existentes nos mercados nacional e internacional de acordo com os diferentes perfis de investidor.



Bolsa de valores

Trumpestade anunciada deu pouco mais do que nada

Os receios de muitos analistas perante a vitória eleitoral de Donald Trump nos Estados Unidos mostraram-se infundados. Alguns mercados bolsistas até arribaram, num final de 2016 que se previa tempestuoso.

D

De temerosos a esperançados, ainda assim cautelosos para o futuro. Numa frase, poder-se-á resumir assim as perspectivas dos principais analistas financeiros face àquele que era um teste decisivo aos mercados, no final de 2016.

Certo é que a surpresa política da eleição nas presidenciais norte-americanas do magnata Donald Trump foi claramente maior do que o impacto negativo que se anevia nas principais praças mundiais.

Num ano marcado também pela surpresa política do Brexit, parece que os mercados obrigacionistas e de acções ganharam flexibilidade e resistência suficientes para amortecer as surpresas da esfera política.

“Até agora mercados comemoram o republicanismo de Trump” foi a forma como José Miguel Cerdeira tituló o comentário semanal produzido pelo departamento de Estudos Económicos e Financeiros do BPI.

Aí considerou que “a antecipada queda dos mercados face a uma presidência Trump se verificou apenas numa primeira reacção, sendo contrariada por um cauteloso optimismo, em face de algu-

ma moderação do discurso do vencedor e também duma análise mais ponderada à perspectiva de políticas futuras”.

Mas se o futuro pode ser uma incógnita, o “day after” não trouxe a temida turbulência continuada. “A reacção inicial do mercado foi negativa, com as bolsas europeias em queda, o dólar a desvalorizar quase 2% face ao euro, e uma fuga para activos seguros como o ouro. Porém, os mercados reagiram de maneira mais positiva depois do choque inicial”, resume a análise do BPI.

Volatilidade

Em jeito de balanço, avaliar o ano que está prestes a findar ao nível dos mercados mundiais obriga a um exercício algo camaleónico, dadas as diferenças que se podem encontrar, consoante as latitudes e as longitudes.

“Este 2016 foi um ano volátil para as bolsas mundiais, mas não podemos considerá-lo atípico, até porque as variações acumuladas desde o início não são muito elevadas”, salientam os analistas da revista Proteste Investe, uma publicação especializada em aconselhamento financeiro da associação de defesa do consumidor DECO.

Numa análise solicitada pelo Negócios em Rede, esta equipa de especialistas realça que, sendo “verdade que a grande maioria das bolsas europeias está a ter um ano negativo, e em particular Lisboa que regista uma perda significati-

Apesar de 2016 ter sido um ano volátil para as bolsas mundiais, não pode ser considerado atípico.

va, reflexo da conjuntura económica mais fraca”, por outro lado, “as bolsas americanas estão positivas e até fixaram novos máximos durante o ano”. Tal como “a bolsa de Londres, apesar do Brexit, também está positiva em moeda local”.

Desta forma, percebe-se que “hoje em dia não podemos generalizar, pois existem grandes disparidades no comportamento dos diferentes mercados bolsistas”, refere o economista César Borja, responsável do site borjaonstocks.com, página frequente de quem procura informação sobre



aplicações em mercados financeiros.

Para evitar generalizações, Borja apresenta mesmo os números de evolução de alguns índices desde o início de 2016:

- PSI-20: -17,4%
- IBEX 35: -9,4%
- CAC 40: -2,7%
- DAX 30: -0,45%
- FTSE 100: +8,6%
- S&P 500: +5,9%

Conclusão: “Portugal e Espanha surgem destacados com desempenhos mais negativos, enquanto Reino Unido e Estados Unidos estão perto dos seus máximos históricos”, concretiza César Borja.

Intervenções

Escaldados, talvez, certo é que os bancos centrais mantiveram intervenções nas economias em 2016, que não são de desdenhar.

Como realçam os analistas da Proteste Investe, “tendo em conta que os mercados tinham subido bastante nos últimos anos e os riscos e as incertezas que marcaram 2016 (o Brexit, a eventual subida das taxas de juro americanas, a vitória de Trump), até seria expectável uma correcção mais acentuada das bolsas. Contudo, as políticas expansionistas dos principais bancos centrais deram suporte aos mercados.”

A actividade dos bancos centrais terá sido fulcral, por exemplo, no amortecimento dos efeitos do referendo de 23 de Junho, em

que os britânicos decidiram abandonar a União Europeia.

Depois do choque inicial, como escreve o Boletim Económico do Banco de Portugal, na sua última edição, “no início de Setembro, o impacto visível do resultado do referendo concentrava-se essencialmente no Reino Unido, com destaque para a desvalorização da libra esterlina em cerca 10 por cento em termos nominais. Por outro lado, o impacto adverso do resultado do referendo na confiança dos consumidores e dos empresários no Reino Unido foi também parcialmente revertido, num quadro de acalmia nos mercados financeiros, de nomeação de um novo Governo e da adopção pelo Banco de Inglaterra de um conjunto alargado de medidas de política monetária.”

Até ver, os mercados financeiros até acabaram por melhorar nos países onde as “surpresas” políticas ocorreram. “O Brexit provocou a queda da libra, o que atraiu mais investidores para as acções inglesas, com o índice FTSE 100 a valorizar-se 8,6% este ano. O efeito Trump foi duplamente positivo para os mercados americanos: valorizou o dólar e, após a reacção inicial que foi efémera, o S&P 500 subiu”, frisa César Borja.

E este analista sustenta mesmo que “quer o Brexit quer a eleição de Trump para Presidente dos Estados Unidos contribuíram para uma percepção de crescimento



O presidente e o vice-presidente eleito dos EUA, Donald Trump e Mike Pence

económico mais elevado nesses países e consequentemente para taxas de juro mais altas, especialmente nos Estados Unidos”.

Há assim diferenças substanciais consoante os países e os mercados e não uma tendência homogênea. Como recordam os analistas da Proteste Investe, “a libra está em queda nos mercados cambiais desde o referendo. E os activos mexicanos estão sob pressão com a eleição de Trump. As implicações a médio e a longo prazo de ambos

os eventos para os mercados são mais incertas”. Embora, no caso do Brexit, se espere “sobretudo consequências para o Reino Unido, que dependerão das condições a negociar com a União Europeia e durante quanto tempo se irá arrastar o processo”.

Na Europa, efeitos perniciosos do Brexit, admite-se, deverão ser mais agudos para os britânicos, já que, como refere o Boletim do Banco de Portugal, “em termos comparativos, a exposição comercial e financeira do Reino Unido à área do euro é claramente superior à exposição da área do euro (ou de Portugal) ao Reino Unido”.

Para já, nos dias que correm, há que contar com “a subida dos juros, que já vinha desde o início de Outubro e a que a vitória de Trump deu mais um impulso”, salienta César Borja.

No que nos toca mais de perto, “o ‘spread’ da ‘yield’ das OT de Portugal face às OT dos outros países diminuiu desde Outubro”, mas ainda assim “as taxas de juro pagas por Portugal pela sua dívida são consideravelmente mais elevadas do que as dos outros países”.

O que, como conclui César Borja, “afecta a capacidade de financiamento do país e das suas empresas, nomeadamente das componentes do PSI-20, cujas empresas, em termos gerais e comparativos e apesar do esforço dos últimos anos, continuam com balanços frágeis”.



Portugal e Espanha surgem destacados com desempenhos mais negativos, enquanto Reino Unido e Estados Unidos estão perto dos seus máximos históricos.



CÉSAR BORJA, responsável do site borjaonstocks.com

Jogar para aprender a investir

Entre o apetite pelo lucro e o risco de perder, as contas virtuais têm vindo a ganhar interessados e praticantes. No fundo, são um jogo com o propósito de aprender o funcionamento do mercado bolsista e de cativar potenciais investidores entre os pequenos aforradores.

Guérin, TAP, Banco Pinto & Sotto Mayor, Lisnave e A Mundial eram as cotadas de uma das versões do jogo de tabuleiro “Bolsa”, que há mais de 40 anos tentava rivalizar com o então já muito popular “Monopólio”.

Quem se lembra, quem jogou, percebeu então de forma rudimentar o funcionamento do mercado de títulos, que tinham uma correspondência em cupões de papel, com cotações que oscilavam consoante os números que saíam quando os dados eram lançados.

Passadas décadas, tal como as cotadas desse jogo já desapareceram, na sua maioria, a prática didáctica transferiu-se para o mundo digital. Hoje, quase todas as corretoras e mesmo alguns sites de bancos oferecem as contas “demo”, com dinheiro virtual, para começar a gostar de intervir na bolsa.

Jogar, apostar ou investir, o significado destes três verbos, todos eles aplicáveis à intervenção de um qualquer aforrador, pode determinar muito do que se pretende quando se opta por uma conta virtual. Em que, na prática, não se perde dinheiro. Mas também não se ganha.

Alguns analistas consideram que o uso das contas “demo” acaba por constituir uma perda de tempo. Porque hoje, com 100 euros já se pode abrir um crédito real para começar a investir a sério. Ainda assim, há quem valorize o capital didáctico da experiência.

“Como ninguém começou a andar sem antes cair várias vezes, o

mercado financeiro é igual”, refere Adriano Lopes, autor do site investirnabolsa.pt, conhecido pela forma simples e coloquial como aborda os mercados financeiros.

A utilização das contas ‘demo’ ou simuladores de bolsa são uma boa solução para quem quer iniciar-se a investir dinheiro.

Para este analista, “a utilização das contas ‘demo’ ou simuladores de bolsa são uma boa solução para quem quer iniciar-se a investir dinheiro, porque demonstra como funciona, como comprar, como vender acções, como investir, maneiras de diversificar a carteira de investimentos, gráficos das acções, etc.”.

Deixa, contudo, o aviso de que há diferenças face a “investir com dinheiro real, por causa das emoções, a indecisão sobre qual ou quais acções escolher”, mas defende que “ao longo do tempo o investidor vai ganhar experiência”.

A atracção pelo sobe e desce das acções, apesar da indolência do mercado português, parece continuar a existir. Em parceira com a corretora GoBulling, a edição deste ano do Jogo da Bolsa do Jornal de Negócios registou mais de dois mil inscritos.

Durante quatro semanas, com 100 mil euros fictícios, vão demonstrar o seu potencial de investimento no mercado accionista, com prémios finais para os melhores. Curiosamente, entre os inscritos, três em cada quatro têm menos de 40 anos de idade, o que revela seguramente o interesse dos mais jovens pelas bolsas.



Bolsa de valores

Conhecimento e longo prazo são receitas para ultrapassar juros baixos

Se colocar as poupanças em depósitos a prazo não compensa, com os juros actualmente praticados, a solução pode passar por investir o dinheiro nos mercados para o rentabilizar. Para tal, há que avaliar as várias aplicações e evitar apostar no lucro imediato.



Ponto comum entre todos os que diariamente acompanham a actividade financeira: actualmente, os tradicionais depósitos bancários a prazo não compensam.

“Quem tem 50 mil euros ou 100 mil euros pode conseguir negociar com o banco uma taxa de juro mais favorável. Mas mesmo assim, não se compara às taxas de juro pagas há alguns meses”, salienta Adriano Lopes, do site investirnabolsa.pt.

Nesta matéria, o analista é pe-remptório: “Basta comparar o retorno do mercado accionista nos últimos anos com as taxas de juro pagas nos depósitos a prazo nas últimas semanas, para ver que a longo prazo não compensa.”

Para os mais diversos observadores, a fasquia dos 3% ao ano é um limiar minimamente compensador para deixar o dinheiro a render no banco.

Menos do que isso, poderá haver “depósitos a prazo com retornos aceitáveis, como aqueles que alguns bancos de menor dimensões oferecem aos novos clientes por alguns meses”. Nestes casos, salienta Adriano Lopes, “apesar dos juros baixos, compensa, só para não ter o dinheiro parado na conta. É melhor do que nada.”

Zero

Precisamente para evitar as baixas taxas de juro, a revista por assinatura Proteste Investe, da associação de defesa do consumidor DECO, lançou a acção “Depósitos zero, não!”. A iniciativa decorre até final do ano e está aberta a todos os consumidores e aforradores. Cerca de 2.200 já se registaram. Na sua base, está a percepção de que, quantas vezes, os ganhos do dinheiro depositado não chegam para compensar as comissões bancárias.

“Em média, um depósito de cinco mil euros a um ano rende 0,3%, ficando bastante abaixo da previsão da inflação para 2017 (1,1%, segundo o FMI e 1,5% segundo o Governo)”, refere a equipa da Proteste Investe contactada pelo Negócios em Rede.

Pelo exposto se percebe que “a maior parte das pessoas que aplicam em depósitos vão ver as suas poupanças perder valor real. Aliás, para pequenas poupanças, em muitos bancos seria mesmo preferível manter o dinheiro em casa, pois os custos de manutenção das contas podem superar os juros obtidos”.

A solução gizada passou por criar três soluções de investimento, para diferentes perfis de aforradores, com diferentes horizontes tem-

porais. “Por exemplo, um depósito a um ano no BNI Europa que rende 2% brutos (1,44% líquidos), um seguro de capitalização da Generali, que ganhou 4,1% ao ano nos últimos cinco anos e, por último, um fundo de investimento que replica a nossa carteira de fundos e que ganhou 9,8% ao ano nos últimos cinco anos (à data de 30 de Setembro)”, enumeram estes analistas.

De uma forma simples, com estas ideias de investimento pretende-se mostrar, por exemplo, que “com uma taxa bastante superior à que se tem no crédito à habitação, que estão bastante baixas, é mais favorável rentabilizar a poupança do que amortizar esse crédito”.

Como salientam, “o objectivo é contornar os baixos rendimentos e promover alguma mudança de comportamentos nos aforradores e combater a inércia e a iliteracia.

Investir

Para quem considere investimentos mais atrevidos para as suas poupanças, a diversificação continua a ser recomendada por todos os especialistas.

“Na minha opinião, todos os investidores devem ter nas suas carteiras depósitos a prazo, obrigações e acções. A percentagem a que cada investidor deve estar exposto varia consoante o seu perfil”, recomenda Adriano Lopes, que elenca mesmo uma listagem simples para guiar os potenciais interessados (ver caixa).

Exceptuando os depósitos a prazo, pouco apetecíveis nos dias que correm, há preceitos que os analistas recomendam para a constituição de carteiras, sejam a curto ou a longo prazo.

“A curto prazo, não recomendamos que carteiras com activos

Investir com um horizonte temporal alargado é uma regra de ouro.



A percentagem a que cada investidor deve estar exposto varia consoante o seu perfil.



ADRIANO LOPES
do site investirnabolsa.pt

de risco significativo representem uma parte importante do património. A incerteza é demasiada. A longo prazo, o tempo já corre a favor do investidor, pelo que investir com um horizonte temporal alargado é uma regra de ouro se se vai incorrer em risco significativo”, refere a análise da Proteste Investe.

No caso de uma carteira de acções, estes analistas aconselham “um número de títulos entre 10 e 20, grosso modo”. Porque, se fo-

rem “menos, não diversifica o risco de forma eficiente” e se forem muitas mais, “torna-se difícil de acompanhar”.

De forma preponderante, olhar o investimento nos mercados de capitais a longo prazo é um conselho que se reveste de alguma precaução, já que contorna o risco das oscilações imediatas.

“Fará mais sentido os investidores comprarem acções de empresas que conheçam bem, em que compreendam os fundamentais, do que estarem demasiado preocupados com as oscilações diárias dos índices de mercado”, realça César Borja, do site borjaonstocks.com.

Informação

Apesar da recomendação para investimentos a longo prazo, isso não significa que se possa deixar de acompanhar o curso das cotações e outras informações relevantes.

Para o investidor isolado que não possui aconselhamento de “brokers”, mais preciosa se torna a escolha. Como salienta César Borja, “as acções devem ter fundamentais atractivos e que sejam do conhecimento do investidor. Se não se sabe qual é o valor de mercado (sinónimo de capitalização bolsista) da empresa em que vai investir, o melhor é informar-se um pouco melhor”. Ter regras, métodos, orientações que indiquem os melhores momentos de compra e venda, passam inevitavelmente pelo acompanhamento e informação sobre os mercados. Além disso, há obviamente que “estar atento à plataforma de negociação da sua corretora, para acompanhar a evolução dos seus investimentos, para poder tomar decisões a curto e a longo prazo”.

PERFIL DO INVESTIDOR

- **Investidor com perfil conservador: 70% depósitos a prazo, 10% obrigações e 20% acções;**
- **Investidor com perfil moderado: 60% depósitos a prazo, 15% obrigações e 25% acções;**
- **Investidor com perfil agressivo: 40% depósitos a prazo, 20% obrigações e 40% acções.**



INOVAMOS A GOBULLING PRO! MAIS RÁPIDA, SIMPLES E INTUITIVA. GOBULLING PRO GO!

Como potenciar a interação com a plataforma?



Coloque as suas ordens e gira as suas posições em qualquer lugar. Com a oferta multi-plataforma não perca mais nenhuma oportunidade de investimento.



Personalize o portfolio de instrumentos (watchlist) e esteja sempre a par dos instrumentos mais relevantes para a sua estratégia de investimento.



Negoceie a partir da watchlist, ou diretamente a partir de gráficos em tempo real.



Produza a sua análise técnica e anotações em apenas alguns cliques através da nova ferramenta de gráficos.



Receba informações relevantes do mercado através de notificações "push" instantâneas enviadas diretamente para o seu smartphone.

A GoBulling Pro Go foi desenvolvida com foco na usabilidade e performance.

FUNCIONALIDADES

A GoBulling Pro Go funciona em PCs, MACs, tablets e smartphones com uma total interação entre os dispositivos:

Tudo é executado diretamente através de browser sem necessidade de app's;

Fornecer uma nova ferramenta de gráficos baseada na mais recente tecnologia;

Oferece acesso a todo o conjunto de produtos financeiros, incluindo complexos - mais de 30.000 instrumentos diferentes em toda a linha de FX, CFDs, ações, opções e futuros.

808 10 20 20

INFORME-SE NO BANCO CARREGOSA
apoiocliente@gobulling.com
www.bancocarregosa.com/gobulling

TODOS OS INVESTIMENTOS TÊM RISCO

Risco de perder mais do que o capital investido



1 2 3 4

NÍVEL CRESCENTE DE ALERTA

Consulte o IFI em www.cmvm.pt

NA PLATAFORMA GOBULLING PRO GO
NEGOCEIAM-SE PRODUTOS
FINANCEIROS COMPLEXOS.

Um investimento responsável exige que conheça as suas implicações e que esteja disposto a aceitá-las.

Os Produtos Financeiros Complexos:
Podem implicar a perda súbita da totalidade ou de mais do que o capital investido;
Podem proporcionar rendimento nulo ou negativo.

GoBulling
Banco Carregosa Online

A GoBulling Pro Go é uma plataforma de negociação em parceria com o Saxo Bank, A/S.

Bolsa de valores

ENTREVISTA

GoBulling vai alargar negociação de obrigações

A primeira corretora online em Portugal vai, em breve, oferecer a negociação de obrigações, tal como a conhecemos nas acções.



Aliar finança e tecnologia levou Paulo Mendes a criar a GoBulling. Tornou-se assim o “Senhor FinTech” no Banco Carregosa e no panorama de negociação digital em Portugal.

Mantendo firme a parceria com os dinamarqueses do Saxo Bank, a GoBulling mantém-se na senda da inovação a vários níveis. Por isso, prepara-se também para oferecer a todos os clientes modelos de gestão, na prática, carteiras de investimentos geridas por um gestor profissional, em que o cliente participa.

Em entrevista ao Negócios em Rede, o administrador Paulo Mendes revela que essas operações vão ser passíveis de ser feitas “com múltiplos de 10 mil euros”.

Foi responsável pela criação do primeiro site de negociação electrónica em Portugal, que veio a resultar na marca GoBulling. Mas no ano 2000, ainda não se falava de FinTech?

É curioso dizer-me isso. Há uns dias estive em Portugal uma equipa de “senior management” do banco dinamarquês Saxo Bank, que é um banco à escala global,

com quem celebrámos agora 15 anos de parceria. E o CEO do Saxo disse-nos isso: nós fizemos FinTech, antes de a palavra existir.

Hoje, em que consiste essa parceria com o Saxo Bank?

Quando o Saxo Bank era uma sala arrendada no centro de Copenhaga e se chamava Midas, teve um encontro feliz connosco, que não éramos banco. Éramos ainda a L. J. Carregosa, que geria patrimónios e fazia corretagem. Eram duas empresas com espírito jovem, apesar dos nossos 180 anos de história, e com vontade de desbravar caminho. Perceberam que o futuro ia passar pela negociação electrónica. Juntos fizemos uma plataforma que hoje é vendida pelo Saxo Bank, como “marca branca” para todo o mundo.

Mas a parceria com o Saxo Bank vai além da plataforma?

Vai muito além disso, porque chega a laços de amizade muito fortes. Juntamo-nos várias vezes por ano. Os fundadores do Saxo têm um grande carinho pela Carregosa, alguns dos nossos colaboradores acabam por ser contrata-



O CEO do Saxo disse que nós fizemos FinTech, antes de a palavra existir.

Queremos cada vez mais clientes de geografias diferentes.

dos pelo Saxo: nos escritórios deles, há portugueses e alguns começaram aqui.

Mas no negócio, temos várias colaborações. Desde produtos até à informação, análises, reports, research, etc., que o Saxo nos permite oferecer aos nossos clientes.

Quais são os três principais objectivos da GoBulling para o médio prazo?

O primeiro objectivo de qualquer empresa é sempre ter mais negócio. É o que nós queremos também. O caminho para lá chegar tem de ser o do mérito nas nossas vantagens.

Depois queremos cada vez mais clientes de geografias diferentes. Temos clientes de vários países, tirando partido da vertente de “broker” online e queremos mais. E temos outra ambição constante: estar sempre a incorporar o que de melhor e mais avançado há na tecnologia aplicada à área do mercado de capitais, passando-a para o cliente. Em suma, dar poder ao cliente.

E qual acha que é a maior vantagem competitiva da GoBulling?

Poderia dizer várias, mas fico-me pela mais importante para mim: as pessoas que temos a trabalhar connosco, que são dedicadas, competentes e verdadeiramente interessadas no sucesso do cliente. Que põem o interesse do cliente à frente. Não é à toa que os nossos clientes têm uma grande anti-

guidade connosco. Tenho a melhor sala de mercados do país!

Quais são os principais serviços que disponibilizam?

Além da recepção e execução de ordens de acções, obrigações, derivados e toda a multiplicidade de instrumentos financeiros que existem actualmente, posso anunciar que muito brevemente vamos oferecer a negociação de obrigações, tal como a conhecemos nas acções.

Ou seja, tudo o que antigamente era feito em OTC [Over-the-Counter], com ordens que tinham de ser superiores a 100 mil euros – e, portanto, reservadas a profissionais ou institucionais –, nós vamos passar a disponibilizar a negociação de obrigações com múltiplos de 10 mil euros.

Além dessa novidade, há outras?

Sim. Os nossos clientes vão poder dispor de “modelos de gestão”, um serviço que tradicionalmente estava reservado aos grandes clientes ou a clientes do segmento da banca privada.

Também temos esses modelos para os clientes de “private”, mas

Lisboa mantém-se parente pobre das bolsas

não há razão para que alguém com um património que pode não justificar a contratação de serviços private, não possa aceder a modelos de gestão. São carteiras de investimentos geridas por um gestor profissional, em que o cliente participa. Quase como se fosse um fundo de investimento, sem ter unidades de participação.

Estes modelos de gestão têm uma política de investimentos bem definida e clara, um comité de investimentos e um “compliance” próprios. Os modelos podem ser

temáticos (de acções, de obrigações, de divisas, etc...), correlacionados ou não correlacionados com o comportamento do mercado.

Também disponibilizam fundos de investimento?

Sim, os nossos clientes subscrevem-nos no nosso site. Se o cliente sabe o que quer, nós executamos. Se não tem uma ideia, nós fazemos essa análise personalizada e aconselhamos um ou mais fundos que mais lhe possam interessar.

O “SENHOR FINTECH” DO BANCO CARREGOSA

Aos 51 anos, Paulo Mendes já conta com quase 30 anos de experiência no mercado de capitais. Começou em 1988, na Maria Cândida Rocha e Silva – Corretora Individual da Bolsa de Valores do Porto, numa altura em que a informatização das corretoras era uma novidade. Nessa altura, liderou o projecto de informatização da corretora, tendo desempenhado também funções na área da compensação de títulos.

Em 1992, foi para o Banco Santander e, até 1994, dedicou-se à negociação de produtos de taxa fixa, obrigações, acumulando responsabilidades no “backoffice”. Nesse ano, transita para o Central Banco de Investimento, resultante da passagem a banco da Central de Investimentos – Sociedade Financeira de Corretagem, que teve origem na Socifa & Beta.

Regressa à L.J. Carregosa em 1996, liderada por Maria Cândida Rocha e Silva. Nos últimos 25 anos dedicou-se à área de “trading”. O primeiro “site” de negociação electrónica saiu-lhe das mãos: a GoBulling é a sua marca.

Muito do seu tempo livre é ocupado a participar em maratonas e outras provas de “running”. Mas desde o ténis ao “karting”, pratica de tudo um pouco. É casado e tem dois filhos. No único banco com sede no Porto, um dos lugares da sala do conselho de administração é seu.



O mercado de capitais nacional tarda em recuperar e a acertar o passo com as principais praças mundiais. A opção dos investidores portugueses por acções cotadas fora de portas começa a ser uma realidade, senão mesmo aconselhável.

De acordo com os últimos números, mantém-se a tendência. Em Outubro de 2016, o índice PSI-20 até registou mais 1,2% do que no mês anterior, mas “menos 14,9% do que no período homólogo de 2015”.

O indicador mensal divulgado pela Comissão do Mercado de Valores Mobiliários e Valores refere ainda que “a volatilidade do índice foi de 12,52%, abaixo dos 15,61% fixados em Setembro e dos 22,45% registados em igual período de 2015”.

E como se não bastasse, “na Euronext Lisboa, o volume de transacções situou-se em 1.497 milhões de euros, o que representa uma descida de 11,5% face a Setembro e de 41,0% em relação ao período homólogo de 2015”.

Apesar de as baixas taxas de juro não convidarem a optar pelos depósitos a prazo das poupanças, a crise económica acabou também por desmotivar os investidores. Mais ainda quando muitas empresas presentes na bolsa de Lisboa não mostram um potencial apetecível.

“A capitalização bolsista do conjunto de todas as empresas cotadas na Euronext Lisboa está actualmente nos 48 mil milhões de euros, o que representa apenas 23% do PIB de Portugal. Esta é uma situação muito deprimida que é explicada pelos fracos fundamentos da maioria das empresas cotadas e pelo pessimismo dos investidores”, resume o economista César Borja.

Correcção

Ao invés, as principais praças mundiais vivem dias bem mais animados. “Os mercados accionistas dos Estados Unidos e os principais países europeus estão num “bull market” de longo prazo e a minha

do PSI-20 em 2017, especialmente se o tão desejado crescimento económico surgir realmente e se as taxas de juro se mantiverem contidas”.

Até porque, na sua óptica “existem muitas oportunidades nas acções estrangeiras, mas também em algumas acções nacionais com fundamentos atractivos”. Por isso, “é preciso saber seleccionar as acções certas para investimentos a longo prazo, pois as performances são muito díspares. Por exemplo, em 2016, a Corticeira Amorim está a subir 37%, enquanto o BCP está a descer 65%. As acções não são todas iguais.”

Estrangeiro

A procura de acções cotadas noutras praças mundiais, que não a portuguesa, é hoje provavelmente mais do que uma sugestão, para quem queira aplicar o seu dinheiro de forma potencialmente rentável.

“A bolsa nacional tem tido um mau desempenho devido à fraca conjuntura económica nacional, à difícil situação financeira do país e ao facto de ter perdido credibilidade junto dos investidores”, referem os analistas da revista Proteste Investe, para quem “mais do que nunca, a diversificação é importante. A todos os níveis: em termos geográficos, apostar em vários mercados e sobretudo não se limitar a Portugal, um erro que muitos investidores nacionais cometem” e de que “nos últimos anos já tiveram motivos para se arrependem”.

Para estes analistas, a preferência dos investidores nacionais pelas acções transaccionadas no mercado português, o “home market bias”, é comum “mas deve ser combatida, sobretudo no estado actual da bolsa nacional, em que muitas empresas com potencial saíram de bolsa”.

“Em termos mais gerais, a maior parte dos investidores fará bem em incluir diferentes tipos de activos, como imobiliário ou obrigações – mas neste último caso, atenção às valorizações elevadas – de diferentes mercados”, sublinham.

48 MIL MILHÕES DE EUROS é o valor da capitalização bolsista da Euronext em Outubro de 2016.

23% DO PIB DE PORTUGAL é o que representa o valor de capitalização da Euronext.

1.497 MILHÕES DE EUROS foi o volume de transacções do Euronext em Outubro.

expectativa é que se continuem a valorizar moderadamente em 2017”, sustenta o analista do site borjaonstocks.com.

Só que, “em Portugal, os pequenos investidores estão pessimistas e desanimados, recorrendo a instrumentos financeiros derivados e ao ‘trading’ de curto prazo em activos líquidos”, reconhece Borja.

Sabendo que alguns investidores “mais experientes aproveitam alguns preços atractivos para acumular acções de empresas subavaliadas pelo mercado, com uma perspectiva de investimento a longo prazo”, o analista mostra esperança de “uma correcção em alta

Bolsa de valores



Ano novo promete em risco e ganhos

Superado o pequeno Trumpeção que foi a pouco previsível vitória eleitoral dos republicanos nos Estados Unidos, os analistas tentam antecipar já o que irá marcar os mercados em 2017: crescimento, mesmo que moderado.

Lembrando uma velha tirada portuguesa, fácil é acertar no Totobola à segunda-feira. Serve aqui para ter em conta que, por mais acerto científico, económico e conhecimento financeiro que as principais publicações mundiais tenham, os imponderáveis e as surpresas acontecem e têm consequências.

O ano de 2016 mostrou-nos isso mesmo, com a imprevisibilidade das vitórias do Brexit e de Trump, tal como dos resultados daí decorrentes, que muitos previam fortemente negativos.

Antecipar o ano de 2017 ao nível dos mercados e dos investimentos financeiros passou a ter de contar com o novo facto político à escala global: Donald Trump será o próximo Presidente dos Estados Unidos e os analistas tentam perceber se o que anunciou como candidato irá concretizar quando estiver na Casa Branca.

Contando já com esse dado novo, a equipa de estratégia do banco de investimento Goldman Sachs deu há dias o seu primeiro

prognóstico para o ano de 2017. Identificou os dez temas que considera irem influenciar os mercados e resumiu-os numa só frase: “Alto crescimento, maior risco, ganhos ligeiramente mais elevados.”

Retorno

Entre os dez mandamentos elencados pelo Goldman Sachs, necessariamente focados na realidade norte-americana e no esperado efeito Trump, surge a previsão de “maiores ganhos” do que este ano para quem detenha “ativos financeiros”. Ainda assim, não serão de grande monta. A título de pormenor, segundo o relato feito pela agência financeira Bloomberg, dizem os analistas que “as melhores oportunidades estão na Ásia, onde prevemos ganhos de 12,5%, face aos 3,8% de 2016”. Com o senão de se “prever quedas de 3,7% na bolsa de Tóquio, face aos 5,2% em 2016.

Consideram ainda os especialistas do Goldman que as promessas de Trump se centraram mais no

O Goldman Sachs identificou os dez temas que considera irem influenciar os mercados e resumiu-os numa só frase: “Alto crescimento, maior risco, ganhos um pouco mais elevados.”

investimento público em infra-estruturas, do que no proteccionismo comercial. Açam mesmo improvável que venham a ser quebrados tratados mercantis, que serão, quando muito, renegociados.

Outros prognósticos passam por antever, sobretudo nos Estados Unidos, uma quebra nas receitas das empresas, admitindo que deverá haver uma recuperação do preço do petróleo. Quanto à inflação, deverá subir por via das prometidas políticas de Trump, enquanto na Europa, dada a política monetária do Banco Central Europeu, ficará abaixo de uns desejáveis 2%.

Aliás, para a Europa, os analistas do Goldman Sachs perspectivavam mesmo que o BCE mantenha o programa de compra de activos para estimular a economia, para lá de Março de 2017.

Receios

Afastados parecem estar os receios de um “crash” bolsista nos Estados Unidos, total ou parcial, que alguns analistas antecipavam há cerca de um mês. No pós-eleições, uma sondagem junto de 100 analistas de Wall Street feita pela empresa de pesquisa Estimate, concluiu que o índice S&P 500 terminará o ano com 2.217 pontos. Ou

seja, 2,5% acima do que estava no passado 8 de Novembro.

Nas previsões da revista Fortune, há ainda lugar para esperados aumentos das taxas de juro nos Estados Unidos – “três aumentos de 0,25% entre o momento actual e o Dia de Acção de Graças” – e do PIB, para os 2,2%, em linha com as expectativas da OCDE, FMI e da Economist Intelligence Unit, ficando assim acima dos 1,6% previstos em 2016.

Por último, a revista antecipa que o preço do barril de petróleo irá subir, dos 45 para, pelo menos, os 50 dólares e que a construção civil nos Estados Unidos bem pode começar a esfregar as mãos.

Mesmo que moderadamente, as perspectivas para 2016 são optimistas. Apesar do “bull market” que se vai vivendo nas principais praças e em particular nos Estados Unidos, os analistas começam a descartar a hipótese de uma queda abrupta dos mercados.

Até porque, os “crashes” surgem por regra quando os investidores estão demasiado eufóricos e por isso desmedidamente confiantes, o que não acontece propriamente, apesar de alguns mercados terem atingido máximos históricos, como sucede nos Estados Unidos.